

Miguel Costa [maarqa]

Paisagens menores / narrativas de dispersão e de exclusão, 2021

Estrutura de madeira pintada, ventoinha, molas metálicas reversíveis, reproduções de publicações editadas entre 1735 e 1870, fotografias/levantamentos de trabalho de campo, caderno de fragmentos/processo de trabalho e investigação em curso.



[paisagens menores] narrativas de dispersão e de exclusão: entre acácias e eucaliptos  
© Miguel Costa

Desenvolvidas desde 2019, enquanto processo de investigação artística distribuído entre o trabalho de campo e o trabalho de estúdio, estas experimentações sobre as histórias invisíveis da vegetação<sup>1</sup> tentam incorporar e repensar as paisagens espontâneas, frequentemente desvalorizadas, que marcam as proximidades dos lugares onde vivemos: terrenos abandonados, encostas, bermas de estrada ou estruturas em ruínas. Estes são espaços com tendência a serem romantizados, mas que, do ponto de vista da vegetação, poderiam ser vistos como uma representação estereotipada de 'grupos minoritários' ou 'excluídos'; ou enquanto espaços desvalorizados, mas intensamente disputados, carregados de tensões e processos de negociação. Ou seja, geografias de exclusão que se entrelaçam com ecologias globais de invasão e disseminação.

---

<sup>1</sup> a partir de "Histórias de Vegetação: reflexões e especulações sobre vegetação ruderal." Apresentado em fevereiro de 2020 no The Oblique Think Tank#2: Heritage, Rubbish, Fetish? Curating Territorial Conundrums, Ateneu Comercial do Porto (XXATENEUXXI). Em processo de publicação.



Efectivamente, a partir das primeiras 'grandes expedições científicas' do século XVIII, foram muitas as publicações que estiveram na origem e/ou que provocaram a crescente circulação global de espécies vegetais, resultando em profundas mudanças nas paisagens, tanto nos países 'exploradores', como nos países 'explorados'. Entre 'plantas úteis' e curiosidades 'exóticas', muitas escaparam a estes circuitos, aclimatizando-se, apropriando-se e contribuindo para a criação de outras paisagens, tendo sido sucessivamente classificadas nos seus novos territórios enquanto espécies 'invasoras'. Hoje, as operações de remoção de 'ervas daninhas' tentam restaurar ou forçar uma 'ordem natural' onde nem todas as espécies são permitidas.<sup>2</sup>

Da investigação em curso, foram seleccionadas e reproduzidas 6 publicações, editadas entre 1735 e 1870, que pretenderam dar força e forma a um mapeamento de associações, invisíveis mas também estruturantes, na produção destas paisagens *menores* - sistemas de classificação de espécies vegetais; diários de bordo de expedições científicas; instruções e progressos nos sistemas de acondicionamento e de transporte de espécies vivas; levantamentos botânicos em países distantes. Mas, entre publicações e expedições transatlânticas, foi o vento que funcionou não só como um dos motores de dispersão de espécies vegetais, mas também, juntamente com as correntes marítimas, enquanto motor de dispersão do 'projecto colonial europeu' e da respectiva circulação destes conhecimentos científicos e avanços tecnológicos.

Miguel Costa, Julho 2021

[Miguel Costa [maarqa], artista/arquitecto e professor auxiliar convidado na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Doutorando em Arquitectura Paisagista e Ecologia Urbana (ISA-UL); Mestre em Arte e Design para o Espaço Público (FBAUP). Membro Colaborador, i2ADS — Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. Trabalha individualmente ou em colaboração sob o nome de 'maarqa — micro atelier de arquitectura e arte,' onde desenvolve a sua prática a partir de diferentes articulações entre arte, paisagem e arquitectura.]

<https://maarqa.com> [micro atelier de arquitectura e arte]

---

<sup>2</sup> ver também "Narrativas de Perturbação e Provocação," (2020-...). <https://maarqa.com/>.

